



## O OLHAR FEMININO NA OBRA "FIO DE SALIVA" DA ESCRITORA LUCILENE MACHADO

Adriana PILONETO (UEMS)<sup>1</sup>  
Zélia R. NOLASCO (UEMS)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta apresentação refere-se ao projeto intitulado: "A construção do feminino na obra "Fio de saliva" da escritora Lucilene Machado" vinculado à Iniciação Científica que está em desenvolvimento cadastrado na Proppi (UEMS). Vivemos em uma sociedade patriarcal, na qual o lugar da mulher ainda é relegado a um nível inferior ao do homem, porém, à medida que os anos se passam, a mulher reivindica com mais impetuosidade o seu lugar na sociedade. Percebe-se que a presença das mulheres, tanto na literatura, quanto em outras áreas vem se destacando. Vários fatores têm contribuído para isso, tal como a expansão da luta das mulheres pela igualdade de direitos e à liberdade. Obras de autoria feminina vem desconstruindo a visão de que a estética da literatura do homem seria melhor, visão até então presente no meio literário e acadêmico. Com base no livro "Fio de Saliva" de Lucilene Machado, torna-se possível refletir sobre o lugar da literatura de autoria feminina no Estado de Mato Grosso do Sul, um Estado com altos índices de feminicídio, o que demonstra a predominância de uma sociedade patriarcal. É possível destacar que a literatura escrita por mulheres influencia o público feminino, além de contribuir para a evolução na construção do feminino na literatura. A escritora traz uma nova visão da literatura sul-mato-grossense, retratando a mulher, seus desejos, sentimentos e ambições, desse modo, deixa de lado os estereótipos impostos pela sociedade. A análise ter-se-á como embasamento teórico, as estudiosas Mary Del Priore, Michelle Perrot e Lúcia Castelo Branco, com isso espera-se que essa análise contribua positivamente para consolidar o espaço feminino na literatura e na sociedade.

**Palavras chave:** Literatura feminina. Literatura sul-mato-grossense. Escrita feminina.

### Introdução

As pressões socioculturais, as crenças limitantes e a cultura patriarcal, levou as mulheres a dedicarem-se por muito tempo apenas à família, fazendo com que a produção literária feminina fosse numericamente muito inferior à masculina. Isso é

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Graduação Português/Inglês e bolsista Pibic (UEMS-Dourados/MS) E-mail: [drikaiber@gmail.com](mailto:drikaiber@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Unesp/Assis/SP, Professora orientadora de Pibic, Ministra aulas na Graduação e Pós-Graduação em Letras, Mestrado Acadêmico e Profissional em Letras (ProfLetras) da (UEMS-Dourados/MS). E-mail: [zelianolasco@uems.br](mailto:zelianolasco@uems.br)



## V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

claro, contribuiu muito para a construção de um ambiente que torna natural o privilégio masculino na produção de obras literárias. Como a literatura foi por muito tempo, um espaço ocupado quase que unicamente pelos homens, foi um longo caminho, até chegar o momento em que as mulheres pudessem se expressar através da escrita literária. A imagem feminina retratada nas obras literárias era reflexo da visão de autores masculinos que descreviam quase que unanimemente as mulheres como frágeis e submissas. E na luta contra essa tendência, muitas escritoras despontaram para conquistar o reconhecimento de suas narrativas. É sob este aspecto que a escritora Lucilene Machado, com a obra "Fio de Saliva" nos faz refletir sobre o lugar, a influência que essa literatura possui no público feminino e a evolução na construção do feminino na literatura. A escritora faz uma releitura do feminino, retrata a mulher, seus desejos, sentimentos e ambições, deixando de lado os estereótipos impostos pela sociedade.

"Fio de Saliva", é uma obra em que a escritora usa de linguagem própria para transportar o feminino para a imagem cotidiana. Lucilene Machado traz a mulher em seu verdadeiro eu; constrói o feminino verdadeiro, ainda que, para isso, ela utilize de muitas metáforas. Ela retrata a mulher em sua fragilidade, sem estereótipos e sem máscaras. A descrição feminina nos dezoito contos que compõem a obra "fio de Saliva" é desnudada aos olhos do leitor pela narradora onisciente, cujo destino tem o controle. Ao invés de aparecerem enredadas nas relações de gênero, desempenhando papéis sociais que as identificam como mulheres-objeto, as personagens femininas protagonistas dessas narrativas são construídas como mulheres-sujeito, donas de si, de suas vontades e de seus desejos mais obscuros.

Lucilene Machado, por meio da palavra escrita desconstrói as ideologias patriarcal reproduzidas na literatura e a substitui pelo preenchimento dos espaços existenciais femininos sem o rastro da imposição cultural estigmatizada de mulheres submissas ao olhar masculino literário. A produção literária da autora, faz uma leitura da vida das mulheres que acontece fora dos livros. É uma realidade feminina que transcende a esfera literária, levando em consideração que o sentido não está no texto propriamente escrito, mas a partir dele. Sua obra "Fio de Saliva", é um elemento de emancipação dos sentimentos do feminino literário, na medida em que propõe uma desconstrução do preconceito quanto à construção do personagem



## V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

feminino. Esta obra traz um novo olhar, uma nova perspectiva da construção do feminino literário e da visão da mulher sobre si mesma.

"Fio de Saliva" é uma obra em que os contos não necessitam de continuidade para que haja uma ligação entre um e outro. A autora se transforma em narradora-personagem, retratando a odisseia feminina diária transformada em realidade, configurando desejos e sonhos que povoam todo o ser sensível, fazendo uma leitura da autodescoberta do *corpus* feminino. Coexistem na narrativa dos contos, elementos metalinguísticos, escritas metafóricas e uma diversidade de textos evocando a palavra dentro da palavra. Lucilene Machado, conversa com outros textos, com autores, personagens e grandes obras para compor as histórias de suas "várias mulheres" representadas numa única mulher personagem.

Imerso neste universo feminino construído com histórias que poderiam ser ou são vividas por várias mulheres reais em seu cotidiano, A seguir, faremos um breve relato e análise da narrativa sobre cada um dos dezoito contos de "Fio de Saliva".

### **Desenvolvimento**

O conto que dá nome ao livro: "Fio de saliva", tem a história contada por uma mulher com mais de 30 anos que conhece um homem também mais velho na saída do cinema. A história tem início quando a personagem após o filme está agachada no corredor procurando um brinco que caiu durante o tumulto da saída. Neste momento ela ouve uma voz masculina perguntando se ela precisava de ajuda. Irritada com a pergunta e envergonhada por estar naquela posição em situação de vulnerabilidade, a personagem responde rispidamente sem nem olhar para a silhueta masculina. Quando ela o olhou, pensou que havia saído do filme que acabara de assistir. Aquele estranho a deixou intrigada e arrebatada de paixão, paixão esta que se deu no instante em que trocaram algumas frases soltas e provocantes. Ela sentiu vontade de beijá-lo e se entregar numa aventura louca e impensada. Foi então que ele a convidou para um café. Perdida em seus pensamentos e situações criadas unicamente no delírio de seus desejos ela teve medo de aceitar, mas acabou decidindo em acompanhá-lo. Afinal que mal teria em



**V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE**  
**Intersecção entre universidade e escola**  
**“Paulo Freire: contribuições**  
**para a educação pública”**

tomar apenas um café com um sujeito de um sorriso encantador e que mexera por demais com seu brio feminino. Estava chovendo, entraram num bar qualquer e sentaram-se na primeira mesa vazia. Ele enxugou o rosto dela e ficaram ali envoltos num silêncio profundo, apenas admirando um ao outro e mergulhados em seus próprios devaneios. O silêncio foi rompido com um elogio à sua beleza feminina que a deixou muito sem jeito e passando recibo de mulher conquistada. Seu desejo naquele momento era que ele a beijasse e a levasse dali. Mas ele apenas a convidou para jantar na noite seguinte. Ela aceitou e neste momento ele tirou do bolso uma pequena caixa com informações detalhadas do endereço do restaurante. Ele se levantou e disse que iria deixá-la em casa. Ao chegar, ele a segurou pela cintura, chegou mais perto, lambeu seus lábios e um delicado fio de saliva foi deixado em sua boca. Ela entrou e foi fazer sua rotina de mulher: tirar maquiagem, passar creme de pepino no rosto. Enquanto a máscara de pepino agia foi abrir a caixinha para verificar o endereço do restaurante escolhido. E teve um susto ao encontrar um folder de um restaurante em Paris e um bilhete de voo em seu nome. Foi correndo tomar banho enquanto seus pensamentos se engalinhavam e o cérebro falhava. Pegou sua maleta e o primeiro táxi para o aeroporto. Estava tudo confuso, esfregou os dedos nos olhos para ver direito e sentiu uma mão masculina na sua cintura. Esfregou novamente os olhos e limpou a boca que continha um fio de saliva. Ela pediu ajuda para pegar o voo. O moço então perguntou que voo, pois você está no cinema, o filme terminou há algum tempo e você dormiu. O moço ofereceu-se para me ajudar, mas eu não precisava de ajuda. Só estava procurando meu brinco que deveria ter caído.

O segundo conto intitulado: “Rosas vermelhas” diz respeito a uma ex bailarina que conheceu um homem envolvente em uma noite em que ela era a mais bela dançarina. Ele a convidou para jantar. A personagem fantasiou aquele homem no seu mais íntimo e ardente desejo de possuí-lo e também de intenções futuras. Por ele seria capaz de cama, mesa e banho. De lavar e passar suas camisas como a mais sensual das donas de casa. Conversando sobre o ato de se relacionar, ele deixa claro que apenas quer uma noite de amor, assim sem muitos rodeios, claro e objetivo como todos os homens. Enquanto ela falava sobre romantismo, e autenticidade ele se distraía e desviava o olhar. Perdera a noite investindo numa mulher com conceitos antiquados e ultrapassados. Ele esperou uma semana para o



**V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE**  
**Intersecção entre universidade e escola**  
**“Paulo Freire: contribuições**  
**para a educação pública”**

encontro, estava cheio de expectativas. Seria capaz de enlouquecê-la entre quatro paredes e enviar a ela rosas vermelhas no dia seguinte. Só não daria o número do telefone. Pois, ela poderia ligar e insistir num encontro, apresentar filhos, cachorro, fotos antigas. Não tinha mais paciência para ser marido, namorado ou qualquer papel assim. Gostava da sua liberdade. Em um gesto gentil, pediu a conta. Ela baixou os olhos tristemente. Sentiu-se indignada. Retirou-se sem esperar qualquer gentileza. Passou o dia seguinte arrumando a casa e cortando delicadamente os caules de um buquê de rosas vermelhas e compreendeu que as rosas não falam, nem mesmo as vermelhas.

O terceiro conto: “Memória (parte I)”, relata um amor de infância entre dois jovens, ela filha de um administrador de fazenda e ele filho do dono da fazenda. O menino sempre vinha nas férias, cheio de ideias modernas da cidade grande. E ela se encantava com suas histórias urbanas, enquanto contava a ele histórias de assombrações e o ensinava a montar a cavalo. A menina adorava inventar histórias de sacis, desbravar o mato cerrado e a fugir de bichos na fazenda. O tempo passou e na adolescência ela foi passar férias com ele na cidade grande, Rio de Janeiro. Ele a levou para conhecer a cidade e assim como ela se apaixonou pelas belezas da vida urbana, também se apaixonou por ele. Viveram aquele amor jovem por um tempo, trocando correspondências. Até que ele foi morar na América e perderam o contato. Certo dia, ela o viu na tv, fazendo discurso, com uma oratória persuasiva: era um político! Tinha um cargo importante e concedia muitas entrevistas. Em uma dessas entrevistas mostrou a família, a fazenda e o seu cavalo. Cheio de pompas disse que sabia montar desde os oito anos e fora um menino valente que montava cavalo em pêlo. A jovem então riu muito, sentiu que ele contava uma parte da vida dela se fazendo de dono. Mas ao mesmo tempo veio a tristeza de saber que ele a esquecera, apagou da memória todas as lembranças daquele amor.

O quarto conto: “Dentro das Circunstâncias (parte II)”, numa continuação do conto anterior: “Memória”, ela volta frustrada do encontro. Passaram horas frente à frente sem estabelecer uma comunicação eficaz. O vínculo havia se rompido e caíram na mediocridade das lembranças de outrora. Estavam tão próximos e ao mesmo tempo tão distantes. A única coisa presente era a promessa antiga daquele amor juvenil. Ela se distraiu com as suas memórias e nem prestou atenção no que ele disse, só lembra da sua mão acenando e o avião sobrevoando a





**V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE**  
**Intersecção entre universidade e escola**  
**“Paulo Freire: contribuições**  
**para a educação pública”**

cidade. Era o ponto final da história. Ela guardou a mágoa por algum tempo, sentindo culpa de ser pobre. Sentindo a dor do seu destino não estar atrelado ao dele, mas com o tempo o perdoou e perdoou a si mesma. Sentiu alento de si ao vê-lo tão limitado às ideologias e regras políticas e entendeu que talvez o perderia em qualquer tempo se estivesse ligada a ele ainda. Não lamentou mais.

O quinto conto: “Uma história qualquer”, trata de uma esposa que dedicou sua vida ao marido e foi deixada de lado por ele, por conta dos estudos, dos amigos, dos filhos e dos compromissos. Cansada de ser esquecida pelo marido, ela resolveu escrever uma carta para falar dos seus sentimentos e para avivar a memória do marido desde o momento em que se conheceram até quando o amor deles foi corrompido pelo tempo e pelas ocupações cotidianas. Ela estava presa às promessas de uma segunda lua de mel quando ele terminasse o mestrado. A viagem aconteceu, mas com ele e seus amigos do mestrado. Depois veio as preocupações com o doutorado e o diálogo entre os dois se resumia aos fatos da vida profissional dele. De tanto ser sufocada com as palavras não ditas, da amargura dos dias não vividos ela infartou. Acordou no hospital antes de ser submetida a uma cirurgia. Ela não tem ideia de quando e nem se voltará para casa, deixou então a carta para que ele pudesse ler e também para ela se recordar que um dia amou tanto alguém e doou sua melhor fase da vida para este amor.

O sexto conto: “Metáfora”, aborda a vida a dois comparada a uma árvore e suas raízes. O casal se entrelaçava e dependia um do outro como uma árvore depende de suas raízes para viver. Os dois foram habituando-se ao convívio um do outro sem maior percepção. E foram vivendo apenas, desenhando o destino a hora que quisessem e depois poderiam apagar tudo. E assim aconteceu, apagaram tudo de uma hora para outra. Mas a saudade apertou e ela escreveu uma carta se revelando, colocando todas as palavras e sentimentos não ditos. Tomou um táxi e foi até a casa dele. Mas, de súbito uma fraqueza tomou conta dela e titubeou. Imediatamente amassou a carta e jogou na primeira lixeira que encontrou pelo caminho.

O sétimo conto: “Caça e caçador”, trata de uma mulher empoderada, dona de si, dos seus desejos e da sua verdade. Passa óleo no corpo, se perfuma, coloca salto alto, se despede de seus ursos de pelúcia e sai. Ela se sente poderosa



**V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE**  
**Intersecção entre universidade e escola**  
**“Paulo Freire: contribuições**  
**para a educação pública”**

e orgulha-se de ser mulher que traz nos poros uma história secular de anos e anos de exclusão e anulação representadas pela vida doméstica e maternidade. Sua avó jamais pensaria em sentar-se sozinha na mesa de um bar e tomar uma cerveja. Mas ela estava ali percorrendo os próprios caminhos. Deixando pistas para o caçador, usando artimanhas. Ela age e usa as armas que tem. Depois se cala e fica num canto qualquer. Volta pra casa pensativa, sabe que não devia, mas permitiu-se. Então toma um banho e deita-se na cama com seus bichinhos de pelúcia e dorme nua e indefesa igual uma menina.

O oitavo conto: “Buscando estrelas”, trata de um homem e uma mulher que se cruzam em direções opostas e num impulso ambos se viraram para se olhar. Ocorreu um leve choque de olhares, sorriram e acenaram com as mãos um leve adeus. Ela intuiu que voltaria a vê-lo. A reação do coração e a magnitude daquele momento determinava isso. E em pensamento ela se permitiu desnudar-se: tirou a blusa, o sutiã, a saia. Mas não ousou ultrapassar essa linha tênue entre o desejo e a realização dele. Ela gostava daquele pensar não-pensar. Queria pegar a palavra na mão e moldá-la com os dedos. A palavra como verdade visível. Era mês de abril e o dourado do sol se encerra às seis. Foi então que ouviu uma voz humana convidando-a para desnudar estrelas. Beijaram-se muitas vezes, consideraram-se estranhos e conhecidos, carne e ossos. E deixaram-se partir. Talvez nunca aprendam a desnudar as estrelas.

O nono conto: “Inventando um homem” relata que as mulheres sempre inventam um homem. Compõem sua figura, colocam sentido visíveis e invisíveis, acrescentando surpresas e mistérios. Um homem com palavras bonitas e silêncios românticos que é capaz de brigar por elas e esquecer tudo num beijo sem ruído. Mas não se cria um homem assim da noite para o dia. Precisamos inventar para ele palavras que não mentem, verbos que não vacilam e ficar uniforme dentro das nossas pretensões. Entretanto, numa manhã ele aparece e pergunta se está tudo bem. O que a deixa deslocada e decepcionada, pois ela não tinha terminado de inventá-lo. Ele interferiu na sua criação. Ela deixou a porta semiaberta, mas não fez sinal que ele pudesse entrar. É possível que ele nunca vá compreender as mulheres, pois a mulher não ama pura e simplesmente. Ela ama um homem que idealizou e depois de pronto esse protótipo não importa que ele tenha mil defeitos, pois ela ama o homem que esculpiu e pronto.



**V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE**  
**Intersecção entre universidade e escola**  
**“Paulo Freire: contribuições**  
**para a educação pública”**

O décimo conto: “Enquanto a inspiração não vem”, relata que uma mulher estava no terceiro semáforo tentando descobrir quem era a outra mulher do carro ao lado com quem havia trocado olhares ainda no primeiro sinal. Ela havia desviado o olhar, tantas coisas podem passar pela cabeça de uma mulher. Uma jamais decifraria o pensamento da outra. Era uma mulher elegante, talvez parecesse um pouco distante e esnobe. Provavelmente uma socialite. O que intrigou foi o fato de uma mulher assim tão perfeita estar sozinha num domingo úmido e quase frio. Talvez estivesse cansada das coisas medidas, da estabilidade, das viagens, das compras, dos elogios e estivesse com vontade apenas de comer um cachorro quente sentada na calçada. Talvez quisesse apenas viver o momento em sua intensidade. Talvez quisesse colocar uma mochila nas costas e caminhar de braços abertos. Talvez seria isso a felicidade. Mas, como explicar que estava cansada de estar feliz, vivendo aquela vida de riqueza e perfeição? Mas ela não incorreria em crimes como esses, não ultrapassaria as margens estabelecidas para a elite. Eu estava sentada numa das últimas poltronas do cinema quando a vi entrar. Fitou-me rapidamente e eu tive uma sensação de quase remorso ao penetrar assim o pensamento das pessoas que se encontram desprevenidas dos seus pensamentos.

O décimo primeiro conto: “Para esquecer”, relata que para esquecer um relacionamento a mulher aceita o convite de uma amiga para sair de casa, se distrair, conhecer pessoal novas e outros números de telefones. Vestiu um tubinho preto, algumas gotas de perfume, meias de seda e uma boa maquiagem. Tinha tanta coisa vivida e nada para lembrar, teve vontade de chorar, mas não podia, pois a amiga lhe aguardava com o som do carro a todo volume. Tarde demais para desistir. Passou pela portaria como se entrasse num submundo, sentia-se sedutora diante de tantas mulheres. Deveria estar no lugar certo, pois quem conseguiria sentir saudade naquela poluição sonora e visual. Recebeu convite para dançar e para ser agarrada, mas foi saindo na ponta dos pés sem conseguir evitar os tapinhas nos ombros e mãos bobas. Uma verdadeira cadeia alimentar era aquele lugar. Seguiu para casa cansada de tanto se defender, deitou-se de roupas e calçado e chorou.

O décimo segundo conto: “Sem compromissos”, aborda que os encontros eram furtivos, sem maior aparição pública, pois a sociedade ainda está





**V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE**  
**Intersecção entre universidade e escola**  
**“Paulo Freire: contribuições**  
**para a educação pública”**

condicionada a cobrar compromissos. Concordaram entre si que seria melhor evitar tais situações indelicadas em sociedade. Ele falou da impossibilidade de se comprometer e ela concordou, afinal todas as vezes que criou vínculos sofreu. Ele era sempre tão moderno, respondia sempre com um “somos amigos”. E de repente ela passou a odiar essa definição de amizade. Formavam na verdade um casal, que não era e nem deixava de ser. Ela sentia-se manipulada pela falsa liberdade e chegou um dia em que tudo deixou de ser e romperam tudo que não existia. Ela esperou várias noites que ele ligasse para comunicar o rompimento, mas ele não ligou. Sentiu-se rejeitada e infeliz, a mesma dor dos finais de romance ela sentia. Numa noite encontraram-se por acaso e ele fingiu que não a conhecia. Fato normal para os adeptos da filosofia do descompromisso, só ela não sabia.

O décimo terceiro conto: “Amor platônico”, aborda sobre uma mulher que se perfuma, passa batom vermelho, se arruma toda para espreitar pela janela o seu vizinho. Ele sai todas manhãs e chega sempre às oito, como um ritual. Ele nunca saberá que por trás das cortinas uma mulher o ama. Naquele dia especialmente ele saiu no pátio, talvez quisesse sentir o ar fresco da manhã e fugir do calor das portas fechadas. Olhou fixamente em direção dela, mas o vidro já estava embaçado e ele ficou sem saber que ela o espreita e o espera todas as manhãs em sua janela.

O décimo quarto conto: “Momentos”, revela na continuação sutil do conto anterior, eles estavam ali sentados e falando de coisas alheias. Não se sabe quando tudo começou. Eles evitavam a troca de olhares e quando ficavam em silêncio ela sempre rompia, sentia-se na obrigação de romper. Era sábado, tinham o direito de perder o juízo, de soltar emoções sem estarem presos aos grilhões do pensamento. Mas, faltou-lhes ímpeto. Ele mexeu o copo de água tônica e disse que era hora de ir. E se foram, assim mecânicos e automáticos.

O décimo quinto conto: “Um rosto perdido” revela que ela amou sempre, do começo ao fim, com intensidade. Eles não a compreenderam. Ela sempre saía antes, preferia isso a ter que ouvir a frase “preciso de um tempo” ou coisas do tipo. Naufragou muitas vezes na sua própria resistência. Vive tentando arrancar do corpo uma dor e uma lágrima é engolida com um sorriso falso e com a esperança de encontrar outro alguém mais interessante. Mulheres sempre tentam pôr as coisas



**V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE**  
**Intersecção entre universidade e escola**  
**“Paulo Freire: contribuições**  
**para a educação pública”**

onde não alcançam, fingindo nada ter acontecido e que o resultado não fora assim tão doloroso. Da sua varanda, vê a rua lá embaixo que a deprime. Então vai dormir com a trilha sonora do vento zunindo no vidro.

O décimo sexto conto: “Gosto amargo”, descreve a noite de uma mulher de programa e sua fantasia em encontrar um homem maduro e bem sucedido que não fuja às responsabilidades. No final da noite, um vazio e um gosto amargo na boca de gomas, halls, cremes dentais e outros elementos que causam náuseas. No chuveiro, derrama suas lágrimas, culpas, dores e humilhações. Na noite seguinte lá está ela encenando o mesmo papel, mais uma aventura recomeça. O corpo treme rejeitando a entrega e a voz macia disfarça o medo e a tristeza. Veste a roupa, põe a flor no cabelo, sapato de salto e batom vermelho e vai para outra investida. A vida sempre deixa margens para sonhos e assim ela vai dando asas para suas esperanças em encontrar alguém em numa esquina que queira um compromisso, que possa lhe oferecer um chuveiro para banhar-se sem o peso da culpa. Mas, os cem reais largados na palma da mão traz o aviso que a vida é amarga tanto quanto o gosto que predomina na boca.

O décimo sétimo conto: “Almas gêmeas” revela que se conheceram numa noite prateada e apaixonaram-se. Ele tinha um olhar manso de quem conhece os sete mares e ela timidamente, deixou-se enlevar. Deve ser por isso que aprendeu desde sempre a escrever a palavra amor. Há muito seriam íntimos, não fosse uma geografia que os separava. Ela estava pronta para se entregar de corpo e alma para este amor. Mas havia pudor, ele tentava uma expressão sensível para atingir a mesma sintonia. Ele jamais viveu algo tão espiritual, pois o que está no verbo está na carne. Se entregaram a um orgasmo mortal, suaram frio. E houve a luz. A concepção daquele amor de almas.

O décimo oitavo conto: “A mulher do guarda-chuva” revela que uma mulher entra num consultório com o seu guarda-chuva aberto, não estava chovendo e nem fazia sol de mais. Era uma manhã linda. Todos as pessoas que estavam no consultório de dermatologia estavam imersos em seus pensamentos tentando descobrir porque uma senhora entra em um consultório com um guarda-chuva. Ela usava um vestido cinza e tinha um olhar baixo e parecia ter sombrios pensamentos. Ela foi julgada por sua aparência. Num instante ela enfiou a mão na bolsa tentando



## V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

arrancar algo. Todos ali já imaginavam um assalto, mas ela apenas tirou um meio quilo de papel e começou uma abordagem pessoal. Com uma voz doce e meiga ela rasgou o silêncio e disse: Jesus te ama!

### Considerações finais

O projeto está em andamento e por isso, até o momento, Foi possível a apresentação da obra da autora Lucilene Machado, e percebe-se que a autora resgata a mulher em seu verdadeiro eu. Lucilene Machado demonstra estar determinada a construir o feminino verdadeiro, mas para isso utiliza de muitas metáforas. Conforme podemos detectar no conto número seis (Metáfora), que compara o relacionamento a uma árvore e suas raízes: "Ele era uma de suas raízes. Amores de árvores. Não chegam a dar flores, mas dão sombras "(MACHADO, 2004, p.35).

A escritora usa de linguagem própria para transportar o feminino para a imagem cotidiana, trazendo em sua bagagem escritores como Cecília Meirelles, Rubem Braga, Guimarães Rosa. Em seu livro ela aborda temas como o amor, a decepção, separação, paixão e até o medo feminino: "Determinada, sabia para onde estava indo. Talvez parecesse um pouco distante e esnobe. Mecanismo comumente usado como proteção a determinados assédios." (MACHADO, 2004, p.45). Dessa forma, inovando a literatura sul-mato-grossense, que raramente trata do feminino.

O primeiro conto "Fio de Saliva" que dá nome ao livro, traz uma linguagem intertextual muito marcante. A autora faz uso diversas vezes desse recurso para enriquecer seu texto: "olhos oblíquos fascinantes, olhos de ressaca." (MACHADO, 2004, p.11). "lá estava eu dançando na chuva. *Singing in the rain.*" (MACHADO, 2004, p.12). "Queria ser como Cecília Meirelles "Aprendi com a primavera a me deixar cantar e a voltar sempre inteira" (MACHADO, 2004, p.13). "Se ele descobre meu potencial dramático vamos superar E o vento levou. Devo fazer cara de Noviça Rebelde? Julia Roberts em *Pretty Woman* deve soar mais moderno". (MACHADO, 2004, p.14).



**V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE**  
**Intersecção entre universidade e escola**  
**“Paulo Freire: contribuições**  
**para a educação pública”**

“Uma história qualquer”, conto de número cinco, é um conto que acolhe e representa muitas mulheres. É um relato da realidade de muitas mulheres, porém nos faz perguntar o quanto dessa desmemória é verdade ou invenção, o quanto há de vazio, de esquecimento. E é nesse vazio que a memória opera com habilidade no lugar do que já não é (não há) um enredo, uma história, um texto. Característica essa da escrita feminina. Este conto trata de uma esposa que dedicou sua vida ao seu marido e foi deixada de lado por ele, por conta dos estudos, dos amigos, dos filhos, dos compromissos:

É João, talvez eu tenha parado no tempo. Deixei de acompanhar a moda, de experimentar o último corte de cabelo, de usar saltos... Talvez eu tenha cuidado demasiadamente de você e descuidado um pouco de mim. Talvez eu tenha passado muito tempo cuidando da casa, dos filhos, das contas a pagar, do supermercado... principalmente nos últimos tempos, quando você precisou de tranquilidade absoluta para concluir seu mestrado (MACHADO, 2004, p. 32).

O conto de número sete, “Caça e Caçador”, discute de forma sutil e marcante o papel da mulher na sociedade, o seu comportamento, a forma com que patriarcalmente foi educada para se portar e saber o seu lugar. Lucilene quebra este conceito ao escrever:

Ela se sente poderosa. Dona da sabedoria. Orgulha-se de ser mulher. Traz nos poros uma história secular. Anos e anos de exclusão, obscurantismo, anulação, ameaças...anos que esteve condicionada ao estreito das opções representadas pela vida doméstica e maternidade. Sua avó jamais pensaria em sentar-se sozinha na mesa de um bar e tomar uma cerveja. No entanto ela está ali percorrendo os próprios caminhos. (MACHADO, 2004, p. 40).

“Inventando Um Homem”, é o conto de número nove que traz uma linguagem recorrente usada em todos os dezoito contos que compõem o livro: desejo, amor, decepção. Neste conto a personagem representa muitas mulheres ao idealizar o homem, o seu amado, não o homem perfeito, mas o ideal pra ela. “Nós as mulheres, sempre inventamos um homem”. (MACHADO, 2004, p. 43). “ela ama



## V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

um homem que idealizou. E, depois de pronto esse protótipo, pouco importa que ele tenha mil defeitos" (...) (MACHADO, 2004, p. 44).

Em "Um Rosto Perdido", conto de número quinze, a autora fala dos medos e da decepção da mulher em relação ao amor. Muitas mulheres se sentem representadas neste conto. Ela fala do medo que algumas mulheres têm em se entregar e se apaixonar. E por isso fogem antes que o parceiro venha com a frase clichê: "preciso de um tempo", ou "não vai dar mais". Este medo de se entregar e viver o amor deixa feridas, deixa no corpo uma dor. Essa fragilidade feminina está explícita quando cita que:

Mulheres tentando pôr as coisas onde não alcançam. Mulheres tentando assimilar a felicidade passageira de uma noite, guardando o amargo de um beijo, a acidez de uma bebida que a fará dormir, durante o dia, o sono do esquecimento, fingindo nada ter acontecido e que o resultado não fora assim tão doloroso. (MACHADO, 2004, p. 56).

Lucilene Machado tem uma visão da mulher sem pudores, a expõe em seu íntimo, com seus desejos, suas fraquezas, dores, paixões, medos e inseguranças. A mulher vista tal qual ela é. Ela compõe a mulher sem meias palavras, sem véu e sem preconceito. É uma leitura de autodescoberta do papel feminino na literatura sul mato-grossense e o objetivo é angariar espaços de representatividade para as mulheres na sociedade e em espaços de poder. Almejamos que esse projeto contribua para isso e que possamos incentivar a leitura de obras tão expressivas para o universo feminino.

### REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. A Antiguidade, Vol 1, Porto: Edições Afrontamento, 1990.





**V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE**  
**Intersecção entre universidade e escola**  
**"Paulo Freire: contribuições**  
**para a educação pública"**

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é escrita feminina**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 83 p.

MACHADO, Lucilene. **Fio de saliva**. 1. ed. Cáceres: UNEMAT Editora, 2004. 62 p.

MATOS, Maria Izilda S. **Por uma história da mulher**. 1. ed. Bauru: EDUSC, 2000. 58 p.

XAVIER, Elódia. **Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina**. In: XAVIER, Elódia (Org.) Tudo no feminino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.